

ERNST BLOCH: uma identificação entre a transformação do mundo e as *onze teses de marx*

Caio Cezar Scholz¹

Resumo:

Na obra *O Princípio Esperança I*, mais precisamente, no capítulo dezenove: *Transformação do mundo ou as Onze teses de Marx sobre Feuerbach*, Bloch propõe um pertinente exame minucioso das *Onze teses*. Essa interpretação se faz necessária, pois a transformação do mundo ocupa um lugar essencial nos argumentos de Bloch para tratar das principais questões que guiam as pretensões dessa obra. Nesse viés, as pretensões deste estudo versam sobre a investigação da seguinte questão: Que relação pode-se propor entre a expressão *transformação do mundo* e as *Onze teses*? Para desenvolver tal questão, primeiramente, será feita uma investigação do prefácio da obra, a fim de reconstruir o contexto em que a interpretação está inserida e compreender as definições dos principais conceitos correlatos. Posteriormente, será traçada uma aproximação entre o capítulo dezenove e o prefácio da obra, a fim de orientar as investigações do capítulo estudado para tratar das demais questões levantadas no decorrer da investigação.

Palavras-chave: esperança, transformação, mundo.

Abstract: In the work *The Principle of Hope I*, more precisely, in chapter nineteen: *transformation of the world or Marx's eleven thesis about Feuerbach*, Bloch proposes a pertinent close exam on the *Eleven thesis*. That interpretation is necessary, because, the transformation of the world occupies an essential place in Bloch's arguments to treat the main questions that lead assumptions of that work. In that bias, the pretensions of this study traverse about the investigation of the following question: What relation can be proposed between the expression *transformation of the world* and the *Eleven thesis*? To develop that question, initially, an investigation of the preamble of the work will be done in order to restore the context in that that interpretation is inserted and understand the definition of the main correlative concepts. Posteriorly, an approximation between the chapter nineteen and the preface of the work will be outlined in order to conduct the investigations of the studied chapter to treat the further questions raised during the investigation.

Key-words: hope, transformation, world.

Na obra *O Princípio Esperança*, mais precisamente no capítulo dezenove: *Transformação do mundo ou as Onze teses de Marx sobre Feuerbach*, Bloch propõe um pertinente exame minucioso das *Onze teses*. Essa interpretação se faz necessária, pois a transformação do mundo ocupa um lugar essencial nos argumentos de Bloch para tratar das principais questões que guiam as pretensões dessa obra, ou seja, as questões voltadas para os conceitos de esperança e utopia e suas materializações na realidade objetiva em um futuro aberto a inúmeras possibilidades. Logo, as pretensões deste trabalho versam sobre as seguintes questões: Que relação pode-se propor entre a expressão *transformação do mundo* e

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá. Aluno regular do Programa de mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

as *Onze teses*? Qual a importância ou que função ocupa a interpretação das *Onze teses* no argumento de Bloch? Que relação pode-se propor entre a filosofia de Marx e a obra de Bloch? Para tratar dessas questões, primeiramente, será feita uma investigação do prefácio da obra a fim de reconstruir o contexto em que essa interpretação está inserida e compreender as definições dos principais conceitos correlatos. Posteriormente, será traçada uma aproximação entre o capítulo dezenove e o prefácio da obra a fim de orientar as investigações do capítulo estudado na direção de tratar das questões levantadas.

Contexto da interpretação de Bloch a respeito das *Onze teses* de Marx sobre Feuerbach.

Pode-se afirmar que uma das pretensões de Bloch na obra *O Princípio Esperança I* diz respeito a tratar das questões acerca dos conceitos de utopia concreta e esperança que alinhados com condições materiais necessárias que permitem ao ser humano sonhar e realizar, no presente e futuro, uma transformação do mundo a partir da consolidação de mudanças na sociedade que permita a melhor realização da vida humana.

Nesse sentido, os argumentos utilizados por Bloch para tratar dessas questões perpassam a investigação dos conceitos de sonhos noturnos e diurnos e a relação com o desejo, pela investigação da consciência antecipadora e a relação com as categorias do *front*, *novum*, *ultimum* que parecem compor o contexto, para, em seguida, realizar a interpretação das *Onze teses* que ocupam um papel fundamental na proposta do marxismo como uma possibilidade de transformação do mundo.

Exemplos dessas pretensões podem ser encontrados já no prefácio da obra que é inaugurado com questões que instigam o pensar no passado, presente e futuro: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Que esperamos? O que nos espera?” (BLOCH, 2005, p. 13). Essas questões introduzem logo de início uma primeira definição acerca dos sonhos diurnos

Quanto já não se sonhou com isso ao longo dos tempos, sonhos de uma vida melhor que seria possível! A vida de todos os seres humanos é perpassada por sonhos diurnos, que em parte são apenas uma fuga insossa e até enervante, e até presa para enganadores. Outra parte, porém, instiga, não permite se conformar com o precário que aí está, não permite a resignação. (...) Nenhum ser humano jamais viveu sem sonhos diurnos, mas o que importa é saber sempre mais sobre eles, desse modo, mantê-los direcionados de forma clara e solícita para o que é direito (BLOCH, 2005, p.14).

Além de ser possível observar o início da definição do conceito de sonho diurno,² a partir da afirmação de que esse está presente e pode influenciar de dois modos a vida de todos os seres humanos, esse fragmento do prefácio parece também apontar para as primeiras ideias referente ao conceito da consciência antecipadora no sentido de que é preciso esclarecer estes sonhos a ponto de os tornarem lúcidos e plenos. Mais ainda, o fragmento também dá indícios da possibilidade da transformação do mundo ao ressaltar a ideia de que a lucidez do sonho diurno não deve proporcionar apenas a contemplação, mas sim a participação e a possibilidade de que no futuro as coisas possam se realizar de uma melhor forma.

Estes dois modos de influência dos sonhos diurnos na vida do ser humano, o primeiro deles pode-se afirmar que é negativo uma vez que representa ideia de omissão ou medo, pois, incentiva “uma fuga insossa e até enervante, e até presa para enganadores” (BLOCH, 2005, p. 14) e, o segundo que se pode afirmar positivo na medida em que propõe a ação ou abandono do comodismo ao motivar à “(...) instiga, não permite se conformar com o precário que aí está, não permite a resignação” (BLOCH, 2005, p. 14) também vão encaminhar o argumento do autor, posteriormente, a desenvolver a função e o conteúdo da esperança, como também, analisar as dificuldades e obstáculos que possam impedir a sua manifestação:

A função e o conteúdo da esperança são incessantemente experimentados e, em tempos de sociedade em ascensão, foram incessantemente acionados e difundidos. Unicamente em uma velha sociedade em declínio, como o Ocidente atual, surge uma certa intenção parcial e efêmera no sentido apenas descendente. Então, para aqueles que não conseguem achar uma saída para a decadência, o medo se antepõe e se contrapõe à esperança (...) a situação sem saída do ser burguês é estendida à situação humana, a todo ser. A longo prazo, todavia, é em vão: a esvaziada forma de ser burguesa é tão efêmera quanto a classe que por meio dela se declara única, e é tão sem sustentação como a existência aparente do próprio imediatismo leviano a que se consagrou. A falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas (BLOCH, 2005, p. 14-15).

O direcionamento do argumento para críticas a classe burguesa³ ao delimitar dificuldades e obstáculos para a manifestação da esperança também começa a compor o cenário atual do mundo que necessita ser transformado, a sociedade organizada em classes e regida pelo modelo econômico do capital. Aqui também começam a estar presentes os

² Na parte I da obra, Bloch desenvolve minuciosamente a definição do conceito de sonhos diurnos, sua relação com a fantasia e com o desejo. Já, mais adiante, na parte II, ao tratar da consciência antecipadora, Bloch propõe a distinção entre sonhos diurnos e sonhos noturnos e suas características de realização e antecipação.

³ As críticas a classe burguesa e ao modelo econômico do capital são outros elementos que compõem o desenvolvimento do argumento de Bloch na obra *O Princípio Esperança I*. Outro exemplo pode ser encontrado na parte I onde Bloch, ao desenvolver o conceito de sonho diurno, propõe a distinção entre o sonho do burguês e não-burguês, ou também, mais adiante, no capítulo 19, ao abordar a questão da alienação proveniente do capitalismo.

primeiros indícios a respeito da importância e função exercida pela interpretação das *Onze teses* e do marxismo presentes no argumento de Bloch ao tratar da transformação do mundo.

Seguindo a composição deste cenário é possível apontar uma primeira relação entre os sonhos diurnos e o principal objeto de estudo desta obra de Bloch, a esperança. Logo, como um dos objetivos de Bloch é resgatar o sentido e valor positivo da esperança, pode-se afirmar que este resgate começa por distinguir duas ideias a respeito do conceito de esperança, primeiramente, uma fraudulenta (negativa) e, em seguida, uma concreta (positiva). Esta relação e distinção está presente em:

(...) a esperança fraudulenta é uma das maiores malfeitoras, até mesmo um dos maiores tormentos do gênero humano, e a esperança concretamente autêntica, a sua mais séria benfeitora. A esperança sabedora e concreta, portanto, é a que irrompe subjetivamente com mais força contra o medo, a que objetivamente leva com mais habilidade à interrupção causal dos conteúdos do medo, junto com a insatisfação manifestação que faz parte da esperança porque ambas brotam do não à carência (BLOCH, 2005, p. 15-16).

A partir desta distinção entre os conceitos de esperança, a investigação do autor volta-se para a necessidade de tratar das questões conceituais a respeito da esperança, utopia, e sua materialização no mundo objetivo. Esta investigação se faz necessária, pois, até então, estas questões conceituais foram marginalizadas ou apenas tratadas de forma superficial pela tradição filosófica do saber contemplativo. A partir dessa necessidade é possível começar a observar a importância do pensamento filosófico de Marx para as pretensões de Bloch:

O sonhar para frente, como diz Lenin, não foi refletido, apenas foi mais esporadicamente tangenciado, não encontrou um conceito à sua altura. O esperar e o esperado, no sujeito e no objeto respectivamente, o fenômeno do emergir como um todo não suscitou, até Marx, nenhuma abordagem global em que encontrasse um lugar, quanto mais um lugar central. O grandioso evento da utopia no mundo quase não foi esclarecido (BLOCH, 2005, p.16).

Com isso, delimita-se o contexto filosófico que a obra *O Princípio Esperança* está inserida, como também, a sua pretensão de resgatar filosoficamente o sentido positivo do conceito de esperança e sua materialização no mundo objetivo:

A esperança, com o seu correlato positivo – a certificação ainda inconclusa da existência acima de qualquer *res finita* -, não aparece dessa forma na história das ciências, nem como fenômeno psíquico nem como fenômeno cósmico e menos ainda como o portador daquilo que nunca ocorreu, do novo possível. Por isso, é bastante extensa, *neste livro*, a tentativa de levar a filosofia até a esperança, um lugar no mundo tão habitado quanto as terras mais cultivadas e tão inexplorado quanto a Antártida (BLOCH, 2005, p. 17).

Parece ser com o objetivo de fundamentar essa proposta de materializar a esperança positiva no mundo que os demais conceitos correlatos, como exemplo, o *front* e o *novum* vão cumprir suas funções no argumento permitindo a possibilidade de alinhar a esperança, utopia e a transformação do mundo possível em um futuro não determinado como está evidente nesta passagem:

Anseio, expectativa e esperança necessitam, portanto, de sua hermenêutica, a aurora do que está diante de nós exige seu conceito específico, o *novum* requer o seu conceito avançado. E tudo isto com a finalidade de que, pelo reino da possibilidade assim mediado, finalmente se construa, com olhar crítico, a estrada que leva ao que necessariamente se busca, e que ela seja mantida sempre nessa direção. *Docta spes*, a “esperança compreendida”, torna claro assim o conceito de um princípio que não mais deixa o mundo (BLOCH, 2005, p. 17).

O próximo conceito abordado que compõe o cenário de contexto realizado no prefácio diz respeito à ideia do *novum*⁴. Esse conceito parece ocupar um papel fundamental nos argumentos de Bloch na medida em que é possível, a partir dele, realizar uma ponte entre a relação dos conceitos de esperança e utopia, necessários para a transformação do mundo, com o pensamento filosófico de Marx.

Partindo do conceito de *novum*, já presente no prefácio, podem-se encontrar as primeiras evidências da importância e função ocupada pela filosofia de Marx nos argumentos utilizados por Bloch para tratar das questões a respeito da esperança e utopia na obra *O Princípio Esperança I*. Logo, compreender esta aproximação entre a o *novum* e a filosofia de Marx se faz necessária para contextualizar a interpretação das *Onze teses* que Bloch propõe no capítulo dezenove ao tratar da questão a respeito da transformação do mundo. No prefácio identifica-se essa aproximação primeiramente em:

E a nova filosofia, como foi inaugurada por Marx, é o mesmo que a filosofia do novo, desta essência que a todos nós espera, aniquila ou plenifica. A sua consciência é o espaço aberto do perigo e da vitória a ser conquistada nas suas condições. Seu espaço é a possibilidade real e objetiva dentro do processo, na via do próprio objeto, em que aquilo que foi buscado radicalmente pelos seres humanos em lugar algum foi providenciado, mas também em lugar algum foi malogrado (BLOCH, 2005, p. 17-18).

Essa primeira identificação entre a filosofia do novo com a filosofia de Marx no prefácio marca um primeiro indício da importância e da função a ser exercida por essa filosofia no desenvolvimento dos argumentos presentes na obra. Vieira, ao comentar o prefácio da obra, também ressalta a necessidade e importância da filosofia de Marx para o desenvolvimento da obra, neste sentido, o autor afirma:

O prefácio de *O Princípio Esperança* (PE, I, 13-28) é verdadeira síntese do pensamento de Bloch relativamente às questões da utopia e esperança; ali está presente sua preocupação quanto ao problema de saber qual o tipo de esperança que o marxismo inspira: de um lado, é uma leitura científico-dialética da totalidade capitalista; de outro, vai muito além, apontando para um futuro possível, sem com isso, reduzir-se a uma visão idealista, numa mera contemplação da realidade existente. O marxismo, segundo Bloch, é uma teoria que se orienta para a maior realização humana, ou seja, a transformação qualitativa da sociedade, vencendo as barreiras da opressão e da alienação (VIEIRA, 2009, p.3).

⁴ Bloch desenvolve a ideia do conceito de *novum* mais precisamente no capítulo 17 da segunda parte (fundamentação) onde parece estar delimitando a possibilidade real para tratar da transformação do mundo nos próximos capítulos.

Mais adiante, Vieira também observa essa relação entre o *novum* e a filosofia de Marx mostrando que essa relação se dá a partir de uma orientação do marxismo para a realização do *novum*:

Bloch, ao mencionar o projeto de esperança, o Novum, guiado pelos princípios fundamentais do marxismo, apresenta o socialismo, como realização total da Nova Sociedade. Ele indica limites no pensamento marxiano, quanto à ideais que, embora não realizados, clamam por realização (VIEIRA, 2009, p.5).

Diante deste contexto reconstruído a partir da exposição e relação desses conceitos correlatos presente no prefácio da obra, fica estabelecido uma espécie de pano de fundo para a investigação do capítulo dezenove da obra *O Princípio Esperança I* onde Bloch começa a tratar das questões a respeito da transformação do mundo a partir de sua interpretação das *Onze teses de Marx sobre Feuerbach*.

A interpretação de Bloch a respeito das *Onze teses*

Antes, porém, de investigar a interpretação das *Onze teses* proposta por Bloch no capítulo dezenove, é prudente e válido chamar atenção para uma possível relação entre o capítulo em questão e algumas passagens presentes no prefácio que indicam a aproximação entre a filosofia de Marx e as questões a respeito da esperança, utopia e a transformação do mundo.

Primeiramente, a respeito do título do capítulo, é pertinente questionar por que Bloch identifica a transformação do mundo com *as Onze teses* de Marx sobre Feuerbach? Voltando o olhar novamente para o prefácio, pode ser encontrada alguma evidência que orienta a investigação dessa questão, principalmente, no momento em que o autor afirma:

Marx foi o primeiro a colocar no seu lugar o *pathos* da transformação, como o início de uma teoria que não se resigna a contemplar e explicar. Desse modo, as divisões rígidas entre futuro e passado desabam por si mesmas: o futuro que ainda não veio a ser torna-se visível no passado; o passado vingado, herdado, mediado e plenificado torna-se visível no futuro (BLOCH, 2005, p. 19).

Outra evidência também pode ser observada no próprio capítulo dezenove no momento em que Bloch trata do contexto em que as *Onze teses* foram escritas e retoma uma citação de Engels a respeito das *Teses*:

Trata-se de notas para posterior elaboração, registradas rapidamente, em absoluto destinadas à impressão, mas inestimáveis como o primeiro documento em que foi depositado o germe genial da nova visão de mundo (BLOCH, 2005, p. 247).

Voltando-se agora para o capítulo a ser investigado, Bloch o inicia com uma afirmação que retoma um dos principais temas abordados na obra desde o prefácio, o pensar ou sonhar para frente:

O pensamento para frente já há muito está na ordem do dia e pode ser ouvido. Só os covardes procuram sempre desconversar, e os mentirosos mantêm-se num plano geral.

Só eles escondem-se em roupas folgadas ou pedantes, procuram estar sempre em outro lugar que não aquele em que são flagrados. Porém, nem é possível definir suficientemente o verdadeiro, mesmo quando ou justamente quando a coisa ainda está tomando forma diante dos olhos (BLOCH, 2005, p. 246).

Já nessa primeira passagem é possível observar elementos que apontam diretamente para algumas questões expostas e presente no prefácio como a presença dos sonhos diurnos na vida dos seres humanos, a necessidade de conscientização desses sonhos ou torna-los lúcidos, o medo enquanto um dos obstáculos para a manifestação da esperança, a distinção entre a utopia fraudulenta e a utopia concreta e afirmação do futuro enquanto um vir a ser aberto a inúmeras possibilidades de ser realizadas.

Esse pensar para frente que inaugura o capítulo também aponta para a filosofia marxista em uma relação de aproximação com os conceitos de *novum*, teoria-práxis, esperança e dialética materialista, tendo em vista a seguinte passagem do prefácio:

A filosofia marxista como aquela que finalmente se comporta de modo adequado frente ao devir e ao que está por surgir, conhece igualmente todo o passado em sua amplitude criativa, porque ela não conhece nenhum outro passado a não ser o ainda vivo, o ainda não liquidado. A filosofia marxista é a do futuro, portanto também a do futuro no passado. Ela é, assim, nessa consciência de linhas de frente unidas, teoria-práxis viva da tendência compreendida, teoria-práxis afeita ao evento, conjurada com o *novum* (...) o tema fundamental da filosofia, de uma filosofia que permanece e é enquanto vem a ser, é a pátria que ainda não veio a ser, ainda não alcançada, assim como ela está se formando, construindo-se na luta dialético-materialista do novo com o velho (BLOCH, 2005, p. 19-20).

Estabelecida essa primeira relação entre o décimo nono capítulo e o prefácio da obra, para que possa ser mais bem compreendido a importância e o papel ocupado da filosofia marxista nos argumentos da obra, como também, para compreender essa aproximação entre a filosofia marxista e as questões abordadas por Bloch a respeito da esperança e utopia, se faz necessário voltar-se o olhar para a interpretação de Bloch a respeito das *Onze teses*.

Vieira ao propor uma análise das *Onze teses* a partir da visão de Bloch também orienta para a necessidade e importância e relação das *Onze teses* para o pensamento de Bloch no *Princípio Esperança I*:

Entendemos que Bloch visa revigorar o marxismo contemporâneo ao analisar temas até então relegados ao âmbito das filosofias idealistas, como ‘consciência antecipante’, o ‘sonho’, a ‘utopia’, o conceito de ‘Reino da Liberdade’, o ‘Futuro’, etc. Segundo ele, a utopia concreta, não sendo identificada em qualquer sentido negativo, tal como sonho irrealizável, leva os homens a realizarem o melhor possível, à medida que se engajam em sua construção (VIEIRA, 1996, p. 27-28).

Em seguida, complementando a necessidade e importância das *Onze teses* para o desenvolvimento dos objetivos de Bloch, Vieira afirma:

pois nelas podem ser observados elementos importantes para a compreensão dos pressupostos marxianos de filosofia, como conceito ‘homem’, a relação teoria-prática, o conceito de trabalho e, fundamentalmente, a posição relativa à Filosofia da práxis (VIEIRA, 1996, p.28).

O primeiro passo a ser dado por Bloch ao propor sua interpretação das *Onze teses* diz respeito a um breve relato acerca da sua composição, desse modo, Bloch reconstrói todo o contexto em que elas estão inseridas, delimita o seu lugar na filosofia marxiana e, principalmente, delimita as relações de aproximação e distanciamento entre o materialismo proposto por Feuerbach e o idealismo proposto por Hegel e a influência que elas exerceram, mais tarde, na composição da filosofia de Marx.

Após ser tratado do seu contexto, o próximo ponto a ser tratado refere-se à questão do agrupamento das teses que possibilite a melhor compreensão, neste sentido, Bloch indica dois caminhos para que seja realizado o agrupamento das teses, o primeiro pelo viés aritmético, ou seja, obedecendo a ordem da numeração, como Bloch propõe:

As teses 1, 2 e 3 encontra-se sob “unidade de teoria e práxis no pensamento”, as teses 4 e 5 sob “compreensão da realidade em contradições”, as teses 6, 7, 8 e 9 sob “a própria realidade em contradições”, as teses 10 e 11 sob ‘lugar e tarefa do materialismo dialético na sociedade’ (BLOCH, 2005, p. 251).

A respeito dessa forma de agrupamento, Bloch atribuí um valor simplório na medida em que valoriza apenas questões de formalidade ao obedecer a ordenação numérica. Logo, Bloch orienta que a interpretação das *Onze teses* deve ser realizada a partir de um agrupamento feito por um viés filosófico que aponte para a relação dos conteúdos abordados pelas teses e não pela simples ordenação numérica, com isso ele propõe:

Surge, então, em primeiro lugar, o grupo epistemológico, referente à *contemplação e atividade* (tese 5, 1 e 3); em segundo lugar, o grupo histórico-antropológico, referente à *auto-alienação, sua causa real e verdadeiro materialismo* (tese 4, 6, 7, 9 e 10); em terceiro lugar, o grupo sintetizador ou grupo teoria-práxis, referente à *comprovação e validação* (tese 2 e 8). Por último, segue a tese mais importante, a *senha*, na qual os espíritos não só se dividem definitivamente, mas com cuja utilização eles deixam de ser meros espíritos (tese 11) (BLOCH, 2005, p. 251).

A respeito do primeiro grupo, o *epistemológico*, Bloch inicia a investigação pela relação entre o pensar e o sensorial e, com isso, pode-se verificar novamente a influência e a relação de aproximação e distanciamento entre a oposição existente, da tradição materialista meramente contemplativa e a tradição idealista que consolida a atividade humana puramente intelectual, com a constituição do pensamento filosófico de Marx.

Neste sentido, o conhecimento do mundo, a partir de Marx, deve-se dar por meio do reconhecimento da realidade objetiva, porém, não considerando o homem como apenas produto da história, mas sim, compreende-lo como sujeito. E, para que o homem possa ser considerado como sujeito, se faz necessário o acréscimo da atividade humana que Marx resgata do idealismo, porém, não uma atividade humana apenas intelectual como este propõe, mas sim, uma atividade humana sensorial e real.

Segundo Vieira, o conceito essencial que permite Marx unir o conhecimento da realidade objetiva com a atividade humana sensorial real e elevar o homem a ser sujeito da história diz respeito à noção de trabalho, nesse sentido, ele afirma ao propor a função desse primeiro grupo de teses:

O primeiro conjunto de teses cumpre a função de demonstrar que, segundo Marx, conhecer o mundo não é afastar-se do real, mas, sublinhando-se a noção de atividade subjetiva, apreendê-lo e transforma-lo através do trabalho. Vale ressaltar que uma das críticas blochianas à utopia abstrata residia no fato de nela haver um desconhecimento da noção de trabalho livre, o que acarretou, de um lado, um idealismo abstrato e de outro, um niilismo derrotista (...) essa noção de trabalho permite a ultrapassagem da abstração: para conhecer é necessário agir, e para agir, é necessário conhecer. Com isso, supera-se o sentido de alienação que existe no trabalho. Pelo trabalho, o homem domina a natureza, objetivando-a; através desse processo, humaniza-se, pois, ao humanizar a natureza, liberta-se (VIEIRA, 1996, p. 30).

Já, o segundo grupo, o *histórico-antropológico*, a interpretação de Bloch tratará das questões a respeito da consolidação do verdadeiro materialismo, uma vez que no primeiro grupo epistemológico já foi consolidado seus fundamentos. O caminho que Bloch percorre para tratar dessa questão tem como ponto de partida o conceito de alienação que mais adiante perpassa pela busca da definição da essência humana e sua materialização histórica por meio das relações sociais. Desta forma, Bloch inicia sua investigação do segundo grupo:

A tese 4 anuncia o tema: Feuerbach desvelou a auto-alienação na sua forma religiosa. Sua tarefa consistiu, portanto, em “decompor o mundo religioso em sua base terrena. Mas”, continua Marx, “não vê que, uma vez realizado esse trabalho, o principal continua por fazer” (BLOCH, 2005, p. 259).

Logo, dando continuidade a investigação, quando Bloch retoma a tese 6: “Mas a essência humana não é algo abstrato, interior a cada indivíduo isolado. É, em sua realidade, o conjunto das relações sociais” É possível perceber uma relação de dependência entre as duas primeiras teses desse grupo na medida em que a busca pela essência humana tem como pressuposto a questão da alienação, que segundo Marx, só foi realizada por Feuerbach no âmbito da religião e, agora, se faz necessário realizá-la no âmbito histórico das relações sociais.

Segundo Vieira, essa relação entre alienação e essência do homem e sua realização no âmbito histórico aponta para a realização do socialismo ante o capitalismo e a aproximação entre a história humana e a história natural:

O marxismo se constitui, portanto, como luta contra a desumanização existente no capitalismo, em razão de seu impulso, “luta de classes, matéria de seu objeto; o marxismo é sempre 'promoção da humanidade’” (PE, III, 482). O conceito de libertação permeia todo o discurso marxiano, sem, contudo, haver a negação de que a libertação se dê na natureza. Nesse sentido, a história humana e a história natural são explicitadas pela tese “da naturalização do homem e da naturalização da natureza” (VIEIRA, 1996, p. 34-35).

Mais adiante Vieira ainda mostra a condição para que essa humanização seja possível e, essa condição, além de apontar para a ideia do futuro, também, pode conter uma evidência para a identificação da filosofia de Marx com a nova filosofia, Vieira afirma:

Bloch demonstra que o *humanum* e o mundo humanizado só serão conseguidos na experiência do futuro; não haveria sentido em que a naturalização do homem consistisse, apenas, em um "mens sana in corpore sano"; em contrapartida, a humanização da natureza não consistiria em domesticá-la, o que seria uma "chaticice". Assim sendo, pensa Bloch, o socialismo científico e definido por sua luta pela supressão real da alienação do homem (PE, L 318)(VIEIRA, 1996, p.37).

Direcionando o olhar para o terceiro grupo, *teoria-práxis: comprovação e validação*, pode-se observar que é a partir dessa nova relação teoria-práxis proposta por Marx na segunda tese que Bloch começa a tratar efetivamente da transformação do mundo a partir da possibilidade de materialização da esperança e utopia. Bloch ressalta que a proposta de Marx vai além de uma simples "aplicação" da teoria, como também, vai além de considerar atividade humana de pensar isoladamente da realidade objetiva, com isso, no início desse tópico Bloch afirma a função do pensar:

A função do pensar é, portanto, bem mais do que a contemplação sensorial, uma atividade, e uma atividade crítica, penetrante, decifradora; e a melhor prova disso é, por isso mesmo, o teste prático dessa decifração (BLOCH, 2005, p. 264).

Vieira também chama atenção para o alinhamento que Bloch propõe entre as ideias de esperança, utopia e a teoria-práxis como o instrumento ou meio da plena realização desses conceitos na transformação do mundo, essa relação também está relacionada com a aproximação do *novum* com a filosofia marxista, nesse sentido, Vieira identifica a ideia da teoria-práxis com a revolução:

Bloch só admite a revolução criada pela imaginação, quando for posta em prática, retificada, por sua vez, pela práxis (embora o ideal revolucionário permaneça nesse processo). Quem anima a revolução é a esperança que o homem tem de um mundo melhor. Permanece, assim, o próprio princípio da necessidade utópica de mudança: a esperança de um futuro melhor, a nova sociedade. Bloch, ao mencionar o projeto de esperança, o *Novum*, guiado pelos princípios fundamentais do marxismo, apresenta o socialismo, como realização total da Nova Sociedade. (VIEIRA, 2009, p.5).

Mais precisamente ainda, ele afirma o objetivo de Bloch ao tratar dessa questão e a relação de interdependência entre teoria e prática na nova proposta *teoria-práxis* de Marx: "o objetivo de Bloch, quando discute o tema teoria e prática, é fundamentar uma valoração teleológica para a ação do homem. Assim, a teoria orienta a prática e é por esta retificada" (VIEIRA, 1996, p.38).

Por fim, no último grupo e não menos importante, a tese onze, *a senha*. Os comentários de Vieira apontam que, para Bloch, a décima primeira tese seria a mais importante na medida em que nela Marx esclarece a função da filosofia como instrumento para a realização da práxis tratada no terceiro grupo *teoria-práxis: comprovação e validação*:

“Dar uma resposta para o sentido da práxis consiste em compreender a filosofia como tarefa, não apenas admissível, mas necessária. Bloch considera que a tese 11 é a mais importante de todas elas, pois, contrariamente ao que se supõe a primeira vista. nessas teses estão afirmadas a permanência e a importância da filosofia como instrumento de transformação e revolução. É conhecida a tese 11: "os filósofos nada mais fizeram que interpretar o mundo de diferentes maneiras; trata-se, antes de transformá-lo"(VIEIRA, 1996, p. 38-39).

Aqui ela também ocupa um papel de suma importância uma vez que é a partir da interpretação de Bloch dessa tese que encontramos propriamente justificção para, no título do capítulo dezenove, Bloch atribuir, a partir do termo “ou”, o sentido de sinônimo ou a identificação da expressão *transformação do mundo com as Onze teses de Marx sobre Feuerbach*.

Mais ainda, é na interpretação de Bloch da tese onze, que se podem encontrar elementos que justificam também a associação da filosofia de Marx com a nova filosofia, como a filosofia responsável por quebrar o paradigma da contemplação e incentivar a transformação do mundo, a quebrar as barreiras do tempo e tratar o futuro como *vir-a-ser* que consolida uma nova visão de mundo ou o pensar para frente, a identificação da filosofia marxista com a filosofia do futuro e do futuro no passado e o alcance do *novum* a partir da teoria-práxis. Todas essas afirmações que já estão presentes inicialmente no prefácio da obra, são esclarecidas e justificadas mais adiante quando Bloch trata da interpretação da décima primeira tese. Neste sentido, buscando o teor literal dessa tese e a aproximação entre conhecer e transformar, ele afirma:

A interpretação, porém, é semelhante à *contemplação* e decorre dela; o conhecimento *não-contemplativo*, portanto, é distinguido agora como bandeira que verdadeiramente leva à vitória (...) a caracterização da primeira parte da frase distancia-se, portanto, dos filósofos que “não fizeram mais que *interpretar* o mundo de diferentes formas”, e de nada além disso; ela sobe no barco, mas justamente num curso extremamente bem pensado, caracterizado na segunda parte da frase: o de uma filosofia nova, uma filosofia ativa, tão inevitável quanto útil para a mudança (BLOCH, 2005, p. 274-275).

Após as considerações a respeito do alinhamento entre conhecer e transformar e o esclarecimento das críticas de Marx ao conhecimento apenas contemplativo, Bloch, ao interpretar a segunda parte da tese onze, esclarece também o sentido do novo associado à filosofia de Marx, como também, define a transformação do mundo que a filosofia de Marx propõe:

O singelamente novo na filosofia marxista consiste na alteração radical de seu fundamento, na sua tarefa proletário-revolucionária; mas o absolutamente novo não consiste em que a única filosofia destinada a e capaz de mudar concretamente o mundo não seria mais uma filosofia. Justamente o fato de sê-lo como nunca leva ao triunfo do conhecimento na segunda parte da sentença da tese 11, que se refere à *transformação* do mundo; o marxismo nem seria uma transformação no sentido verdadeiro se não fosse, antes dela e nela, um *príus* teórico-prático da *verdadeira filosofia*, da filosofia que, com bastante fôlego e com um legado cultural pleno, é

entendida no espectro ultravioleta, significando: nas propriedades da realidade portadoras de futuro (BLOCH, 2005, p. 276).

Mais adiante, encaminhando o término da interpretação da tese em questão, Bloch define objetivamente o conceito de transformação filosófica e sua aproximação com a ideia de futuro:

A transformação filosófica é, assim, uma transformação segundo a medida da situação analisada, tendência dialética, das leis objetivas, da possibilidade real. Por essa razão, portanto, a transformação filosófica ocorre, em última análise, essencialmente no horizonte do futuro totalmente incapaz de contemplar, incapaz de interpretar, mas reconhecível em termos marxistas (BLOCH, 2005, p. 277).

Logo, fica estabelecida uma relação de aproximação e alinhamento entre os conceitos de esperança e utopia, que a partir da transformação do mundo realizada por meio da teoria-práxis proposta pela filosofia de Marx pode consolidar um futuro melhor na direção da plena realização humana e social.

Considerações finais

Diante de tudo que foi exposto, desde as questões iniciais, passando pela investigação do prefácio que permitiu definir os principais conceitos para a pretensão deste trabalho, que permitiu a reconstrução do contexto necessário para a compreensão do capítulo 19 e, olhando também, para as interpretações das *Onze teses* de Marx sobre Feuerbach presentes nesse capítulo e compreendendo sua importância para as pretensões da obra de Bloch, indaga-se: é possível afirmar que a filosofia de Marx seria um exemplo da realização do *novum* que Bloch propõe?

Referências bibliográficas

BLOCH, Ernst. O Princípio Esperança. V1. Trad. Nélio Schneider. EDUERJ: Contraponto. Rio de Janeiro. 2005.

MARX, Karl. Onze teses sobre Feuerbach. In: GIANNOTTI, José Arthur. *Marx: além do marxismo*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 103-105.

VIEIRA, Antônio Rufino. In: *A filosofia marxiana: uma análise das teses de Marx sobre feuerbach. Princípios: Revista de Filosofia* 3.4, 1996, p. 27-50.

_____. "Princípio Esperança e a "herança intacta do marxismo" em Ernst Bloch." (2009).